



{ Timóteo Carriker

Teologia Bíblica da Criação

Passado, Presente e Futuro

• UM LIVRO, UMA CAUSA •

ultimato 

Timóteo Carriker

Teologia Bíblica da Criação

TEOLOGIA BÍBLICA DA CRIAÇÃO - PASSADO, PRESENTE E FUTURO
Categoria: Ética | Teologia | Vida cristã

Copyright © 2014, Timóteo Carriker
Todos os direitos reservados

Primeira edição eletrônica: *Junho de 2014*

Capa: *Ana Cláudia Nunes*

Revisão: *Gisele da Rocha Celestino*

Diagramação: *Bruno Menezes*

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

O CONTEXTO SÓCIO AMBIENTAL DO CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO

[Passado]

O INÍCIO EM DEUS CRIADOR

[Presente]

O MEIO EM CRISTO REDENTOR / ESPÍRITO LIBERTADOR

[Futuro]

O FIM NO DEUS SOBERANO

CONCLUSÃO

NOTAS

APRESENTAÇÃO

TEOLOGIA BÍBLICA DA CRIAÇÃO é o primeiro livro da série “Um livro, Uma Causa”, projeto da Editora Ultimato que celebra o conteúdo bíblico e os diferentes campos de ação ministerial e engajamento da igreja.

Com o lançamento da série “Um Livro, Uma Causa”, *Ultimato* coloca a disposição dos leitores um instrumento para a criação e o desenvolvimento de grupos de trabalho e reflexão, bem como divide com a igreja sua prática e vocação editorial, relacionadas a meio ambiente, criança em vulnerabilidade social, arte, presidiários, unidade da igreja, evangelização trans-paroquial, ação social, missão integral, entre outras.

Com a publicação de *Teologia Bíblica da Criação*, do teólogo Timóteo Carriker, a Editora Ultimato quer compartilhar com a igreja brasileira a produção e contribuição dos seus autores sobre temas importantes da fé cristã, bem como ajudar os cristãos a entender melhor e vivenciar o conteúdo das Escrituras.

OS EDITORES

INTRODUÇÃO

A PRIMEIRA VEZ que alguém me mostrou a dimensão missionária da Bíblia, muito além de passagens isoladas como a Grande Comissão, fiquei muito impressionado porque eu achava que já sabia a mensagem essencial. Isto me levou a prestar mais atenção à maneira que leio as Escrituras e, eventualmente, há 25 anos, à procura de entender a ciência da interpretação bíblica, chamada hermenêutica. Naquela época, em meus estudos doutorais, pesquisei a fundo teorias de interpretação durante um ano. Descobri algo espantoso: embora teorias sofisticadas de interpretação possam ajudar um pouquinho, não resolvem. E não resolvem porque, para interpretar mais acertadamente, é preciso mais que o conhecimento da gramática e das nuances da linguagem, embora estas sejam o primeiro passo, fundamentalmente é preciso entender a cultura, os pressupostos e até mesmo os valores do comunicador ou comunicadora.

Eu me lembro quando fui à casa da minha então futura sogra, em 1977, pela primeira vez, para tomar um “chá” da noite. Eu era recém-chegado ao Brasil e nada sabia dos seus costumes. Cada vez que eu levantava para agradecer a boa

recepção e me despedir, minha sogra se levantava e dizia: “é cedo, fique mais um pouco”. E eu ficava. E ficava mais ainda porque ela sempre insistia quando eu me despedia. Finalmente, bem tarde já, percebi que a insistência dela era uma gentileza, à qual eu precisava insistir no agradecimento e necessidade de ir embora!

Ao longo dos anos tive vários momentos de espanto quando via, pela primeira vez, alguma mensagem bíblica que não havia visto antes. Todos nós, acredito, experimentamos isso de vez em quando, com graus diferentes. Às vezes, alguns autores que já “enxergaram” antes da gente ajudam muito. Ressalto um biblista britânico anglicano, um teólogo norte-americano e costarriquenho batista e uma ambientalista brasileira pentecostal. Respectivamente Tom Wright, Juan Stam e Marina da Silva.¹

Então, depois de enxergar a teologia bíblica de maneira mais abrangente, me surpreendo que antes não pudesse o que hoje me parece cada vez mais óbvio. Afinal, a Bíblia tanto *começa* quanto *termina* com a criação. Aliás, as passagens ao longo das Escrituras² que falam das origens por Deus e dos seus destinos últimos, sempre se referem não simplesmente à população humana total dos salvos³, mas usam uma linguagem, mais universal ainda, de um novo universo. Considere, por exemplo, as seguintes:

“Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar” – Habacuque 2.14

“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” – João 3.16

“Desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra” – Efésio 1.9-10

“Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” – Filipenses 2.9-11

“Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, porque aprouve a Deus que, nele, residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus” – Colossenses 1.15-20

“Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés. E, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, certamente, exclui aquele que tudo lhe subordinou. Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos” – 1 Coríntios 15.27-28

Não só isso, mas quando exploramos o miolo da Bíblia, os Salmos, em que Deus é altamente louvado, encontramos repetidamente a criação, nas suas diversas dimensões, reunindo-se neste louvor e nesta adoração. Sem uma percepção acertada da criação no plano de Deus, seria impossível interpretar adequadamente os salmos.

Quero explorar as implicações deste início e deste fim na responsabilidade cristã diante da criação. Veremos também que, *no meio* do grande relato da salvação na Bíblia, estão presentes a preocupação de Deus e a responsabilidade do ser humano e da igreja em relação à criação. É uma narrativa comovente e desafiadora. E, se fizermos uma leitura cuidadosa, percebemos

que a história tem um final otimista! Estamos caminhando em direção a novos céus e nova terra, a um mundo recriado pelo próprio Deus, mas que não dispensa o papel do ser humano, em especial dos cristãos, na redenção da criação.

Qual é o nosso papel, como seres humanos e como igreja? Como devemos exercê-lo diante dos desafios atuais? Vamos embarcar nesta? Sugerimos cinco proposições junto com as suas implicações, mesmo de forma esboçada. Mas antes de pensar no que a Bíblia nos diz a este respeito, quero destacar o contexto demográfico e sócio ambiental desta reflexão.

O CONTEXTO SÓCIO AMBIENTAL DO CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO

CONSIDEREMOS para onde o nosso mundo está caminhando em termos de população. Em 2013, a população mundial ultrapassou a marca de 7 bilhões, isto, apenas 12 anos depois de atingir 6 bilhões.⁴ Veja a tabela e gráfico abaixo:

CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO MUNDIAL		
POPULAÇÃO	ANO	TEMPO PARA O PRÓXIMO BILHÃO (EM ANOS)
1 BILHÃO	1802	126
2 BILHÕES	1928	33
3 BILHÕES	1961	13
4 BILHÕES	1974	13
5 BILHÕES	1987	12
6 BILHÕES	1999	11
7 BILHÕES	2010	16
8 BILHÕES	2026	24
9 BILHÕES	2050	20
10 BILHÕES	2070	26
11 BILHÕES	2096	NÃO CALCULADO

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/População_mundial.

Veja também: <http://www.pbs.org/wgbh/nova/worldbalance/numb-flash.html>.

Cientistas afirmaram que o ano 2010 era o prazo para adotarmos medidas necessárias ou assistir ao planeta entrar em colapso.

A revista *Scientific American Brasil* publica neste mês, com exclusividade, o dossiê “A Terra no limite”, produzido por diversos especialistas internacionais (veja relação abaixo), que dão um recado incisivo: nossa era é “sui generis” e estamos numa encruzilhada; dependendo de nossas ações até 2050, poderemos criar o melhor dos mundos ou assistir ao planeta entrar em colapso.⁵

Muitos da comunidade científica mundial afirmam que a nossa biosfera corre grande perigo devido a diversos fatores, partindo dum consumismo desenfreado de produtos nocivos, e tudo aumenta geometricamente com o crescimento populacional. A igreja de Jesus Cristo hoje não pode fechar os olhos, especialmente diante do nosso papel bíblico dado por Deus, de sermos não só mordomos como toda a população humana, mas agentes de redenção especificamente como povo de Deus.

Da mesma forma que gastamos os últimos 50 anos procurando entender a nossa missão em termos da relação entre o nosso papel evangelístico e o nosso papel como agentes de transformação social – e o debate continua –, acredito que nas próximas décadas procuraremos entender como tudo isto se relaciona com uma possível missão sócio ambiental. O presente livro faz parte do início desta reflexão. Como entender estes desafios diante da perspectiva bíblica?

[passado]

O INÍCIO EM DEUS CRIADOR

*homo sapiens ou homo dominator*⁶

PRIMEIRO PRINCÍPIO: *Toda a criação pertence a Deus e na sua essência possui um valor ético/aestético: bom, muito bom (Dt 10.14; Sl 24.1; Jó 41.11; 6 vezes repetido “bom” em Gn 1.4, 10, 13, 18, 21, 25)*

- a) *A criação reflete uma característica fundamental de Deus = bom (Sl 19; 29; 50.6; 65; 104; 148; Jó 12.7-9; At 14.17; 17.27; Rm 1.20). Logo o mesmo raciocínio que aparece em Pv 14.31; 17.5 pode ser aplicado àqueles que degradam a criação de Deus.*
- b) *A “bondade” ou a “beleza” da criação não se deriva de nós, e sim, de Deus. Não é meramente para o nosso benefício (Sl 104.14-15), mas possui valor para Deus (vv. 21-26).*
- c) *A criação, embora não divina, é sagrada, porque é criação de Deus, obedece a Deus, se submete a Deus, revela a glória de Deus, se beneficia da provisão e sustentação de Deus e serve aos propósitos*

de Deus. Embora não cultuemos a criação porque ela não é divina (Dt 4.15-20; Jó 31.26-28; Rm 1.25), reconhecemos que é sacra. Ela existe para glorificar a Deus, como nós também existimos para tal propósito. Amar a Deus é valorizar o que Ele valoriza, e isto possui imensa significância missionária (Jo 14.15 > Gn 1.28 e 2.15).⁷ Se Deus se importa conosco *mais que com* o passarinho (Sl 84.3; Mt 6.26; 10.31), a comparação mostra que valoriza *muito* o passarinho.

- d) *Toda a criação é palco da missão de Deus e da nossa missão.* Pertence a Javé (Sl 139) e pertence a Jesus (Ele aplica a passagem de Dt 4.39; 10.14,17 para si em Mt 28.18; veja também Cl 1.15-20).
- e) *A glória de Deus é o alvo da criação* (Sl 145.10,21; 148; 150.6). Não apenas a humanidade, mas toda a criação expressa a sua gratidão a Deus (Sl 104.27-28) e se alegrará na sua redenção e julgamento (Sl 96.10-13; 98.7-9)

SEGUNDO PRINCÍPIO: *Deus criou a humanidade como espelho seu. A humanidade do ser humano está neste reflexo criador, ordenador e zelador de Deus.* (Gn 1.28; 2.15)

“Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.” (Gênesis 1.26-28 Revista e Atualizada)⁸

“Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar.” (Gênesis 2.15 Revista e Atualizada)⁹

- a) *O destino e o bem-estar da criação estão entrelaçados com o destino humano.* Nos relatos da criação no Livro de Gênesis aprendemos que o destino e o bem-estar da criação estão entrelaçados com o destino humano. O papel do ser humano – homem e mulher juntos – está ligado ao cuidado e à ordenação pró-ativos de todas as outras criaturas (capítulo 1), o que exige conhecimento e “classificação” minuciosa dos seres criados (capítulo 2). Em Gênesis 1, nasce o zelo e responsabilidade do ser humano em relação ao seu ambiente: tanto a sociedade em si quanto ao resto da criação. Em Gênesis 2, nasce a ciência, que implica não só em conhecimento, mas também em responsabilidade.

Gênesis 1.28 esclarece *o que significa a função dada ao homem de “dominar” a criação.* A imagem de Deus no homem abrange três áreas de responsabilidade e administração: sua experiência social e familiar (“multiplicar”, “encher”, “dar nome”), sua experiência econômica e ecológica (“sujeitar”, “cultivar”, “guardar”) e o governo ou a área política (“dominar”, “dar nome”). Esses mandamentos (Gn 1.28; 2.15, 18-25) marcam o início de uma série de obrigações – o mandato para a família e a comunidade, a lei e a ordem, a cultura e a civilização – que se alarga e se aprofunda ao longo do desdobramento da revelação divina. É tarefa comum de todos, e não somente dos grandes dominadores. Isso significa que todos os homens têm o direito e a responsabilidade de participar em toda a administração deste mundo. Não existem áreas proibidas para alguns, como em geral se pensa em relação à política. Porém, o relato da criação deixa bem claro também que o homem fracassou nesse mandato, faliu com Deus.

E o pecado criou uma tremenda mancha e estrago na sua função de administrador. A tarefa humana implica a responsabilidade de preservar a ordem que Deus estabeleceu e zelar pela integridade de todos os seus elementos. Tal incumbência não implica liberdade autônoma e autocrática para dispor dos recursos do mundo para finalidades autodeterminadas. Os seres humanos são mordomos de Deus, responsáveis perante Ele, e têm como primeira tarefa assegurar a permanência e o equilíbrio da criação. Somos conservacionistas por vocação de Deus, mas não somos regentes independentes.

Duas palavras descrevem a incumbência humana em Gênesis 1.28: *kābaš* (sujeitar) e *rādā* (dominar). A primeira, *kābaš*, é usada em Miquéias 7.19 com ação compassiva de Deus de “sujeitar as nossas iniquidades”. A segunda, *rādā*, é usada para descrever o domínio do rei messiânico (Sl 72.8; 110.2), modelo para os justos (Sl 49.14, “o justo os dominará no amanhecer do Dia da Salvação” [tradução minha]). Não são termos de violência, e sim, de ordenação redentora. Seguimos o modelo do Rei Supremo que domina com compaixão, benignidade, amor, proteção, generosidade e bondade (Sl 104, Mt 6.26).

Estas duas incumbências essenciais da humanidade, “dominar” e “guardar”, são papéis reais e sacerdotais, governar e servir, cujo modelo perfeito é Cristo. Também são os papéis escatológicos da nova humanidade restaurada no fim (Ap 5.10). Logo, a boa ordenação (governo, domínio) e o cuidado prestativo de Gênesis 2.15 (guardar, servir) são tanto o nosso propósito original quanto o nosso destino final. Nossa missão não é completa se não inclui a criação toda.

- b) *A mordomia socioambiental permanece, até ao fim, incumbência humana.* A história do dilúvio deixa claro que nem a “que-

da” anulou esta incumbência primordial da humanidade. Portanto, assumimos a nossa humanidade legítima em parte, à medida que assumimos este primeiro mandato da boa ordenação do nosso meio ambiente, não apenas para o benefício humano, mas acima de tudo, como a expressão da imagem de Deus e para que toda a criação na sua beleza e bem-estar preste glória a Deus (Gênesis 1.27-31; Salmos 8, 19, 29, 65, 93, 95, 98, 104, 107, 145, 148). Ser “gente” é ser agente no cuidado da criação. Ser povo de Deus é ser agente da redenção da criação. Este é o mundo que o profeta Isaías espera (capítulo 11) e que o Livro de Apocalipse anuncia: um mundo onde a justiça e a equidade finalmente se estabelecerão – o lobo e o cordeiro caminham juntos, e o leopardo e o cabrito dormem no mesmo leito – um espaço e um tempo onde o mal e o dano deixam de existir e finalmente o conhecimento da glória do Senhor encherá a terra como as águas cobrem o mar. É importante que a igreja mantenha a visão nesta sua origem e neste seu alvo final.

Quanto a estas observações escatológicas, surge uma dúvida comum: a criação, conforme o relato bíblico, não se destina à destruição? Por que perder tempo com as coisas “deste mundo”, se tudo vai virar fumaça? Claro que uma visão pessimista do fim dos tempos e do futuro do nosso planeta não implica necessariamente numa negação da nossa responsabilidade ecológica, mas certamente influi no nosso grau de compromisso. Independentemente disto, mais importante ainda é entender o ensino bíblico. A Bíblia ensina que o mundo físico que conhecemos um dia não mais existirá? Por um lado esta pergunta é difícil de tratar por dois motivos: primeiro, é possível, sim, ler a Bíblia desta maneira; e segundo, ela parte duma perspectiva escatológica muito popular hoje em dia, e por isso, bem implantada nas

mentes e corações de muitos seguidores fiéis de Jesus no Brasil. Por outro lado, em termos de *interpretação bíblica*, não é uma pergunta tão difícil quanto parece. Vejamos: a principal passagem que fala explicitamente de destruição futura está na segunda carta de Pedro, capítulo 3, especialmente os versículos 7 e 12. Ambos falam de “destruição” por meio de “fogo”, tanto na maioria das nossas traduções quanto na língua original. Lendo estes versículos separadamente, só podemos concluir que o mundo físico aguarda, de fato, uma destruição total futura, uma aniquilação e desaparecimento da mesma ordem que a transformação de madeira em cinzas pelo fogo. E assim, geralmente se lê esta passagem. Só que o versículo 7 é precedido por uma analogia no versículo 6, a analogia do dilúvio por meio do qual o mundo também “pereceu” ou “foi destruído”. Ou seja, os céus e a terra (vv. 7 e 12, isto é, o mundo físico), serão destruídos, consumidos pelo fogo, *da mesma forma* que o mundo físico anteriormente foi destruído pelas águas. Com esta comparação somos obrigados a perguntar que tipo de “destruição” é esta. Creio que podemos eliminar facilmente alguns “extremos”. Por exemplo, por um lado, tal destruição certamente não é aniquilação, obliteração e extinção total, pois, depois do dilúvio, o mundo continuou a existir. Por outro lado, tal destruição não ocorreu sem dor e sem estrago substancial. Portanto, a destruição do dilúvio e do mundo futuro envolve grande dano, mas não a inexistência. Como entendemos? Nas Escrituras, outros usos desta linguagem apontam para a ideia de purificação e transformação, um processo doloroso e abrangente. Veja, por exemplo, Malaquias 3.1-4 e 1 Coríntios 3.12-15, ambas passagens que falam do “fim dos tempos”.

No Novo Testamento, a visão apocalíptica da criação não só pressupõe o seu julgamento (2 Pedro 3.1-12), como também e ultimamente a sua renovação (2 Pedro 3.13; Apocalipse 21). Lemos que haverá novos céus e nova terra – não “outros” céus e “outra” terra –, uma visão que serve de paradigma e motivação para a igreja assumir como parte da sua missão o “primeiro mandato”.¹⁰ A redenção final da igreja, mesmo por caminhos angustiantes e como incumbência inicial da humanidade toda, se encontra intimamente vinculada à sua fidelidade no cuidado da criação (Romanos 8.18-25).

[presente]

O MEIO EM CRISTO REDENTOR / ESPÍRITO LIBERTADOR

imago Christi / vivus Spiriti

TERCEIRO PRINCÍPIO: *Jesus cumpriu o papel da humanidade e mostrou aos seus seguidores como podemos realizar a nossa nova humanidade* (Rm 4.12-21; 2Co 5.17)

a) *Temos uma missão realizável!* Se, como seres humanos, fomos criados à imagem e semelhança de Deus, como cristãos, somos exortados a ser imitadores de Jesus (1Ts 1.6; cf. 1Co 11.1) e crescer na “estatura da sua plenitude” (Ef 4.13). Ou seja, Jesus é o nosso referencial, o nosso modelo. Mais que isso, ele nos possibilita seguir os seus passos, estar nele (2Co 5.17)! Perguntamo-nos, então: qual é a relação de Jesus com a criação? As Escrituras dizem que tudo foi criado *por* ele e *para* ele (Jo 1.1-5; Cl 1.16; Ef 1.9-10; Ap 3.14). E na cruz, Jesus “reconcionou” toda a criação e, assim, já anunciou o evangelho a ela (Cl 1.23)!

- b) *Se somos seguidores de Jesus, nossa tarefa é contribuir para que a criação seja para honrar Jesus.* Significa que: 1) agimos como Jesus, em relação à criação, e 2) a nossa postura em relação à poluição ambiental, o desflorestamento, o aquecimento global e muito mais, seja aquela que agrade a Jesus e o honre como criador de todas as coisas. Lemos nos Evangelhos que o ministério de Jesus consistia em pregar, ensinar e curar. O seu ministério de cura exemplifica a valorização da criação (veja também como Jesus lidava com o vento, Lc 8.22-25; os peixes, Jo 21.6,11; um jumento, Lc 13.15; Mateus 6.26; parábolas, etc.).
- c) A encarnação, a vida e ministério, a morte e a ressurreição, a ascensão de Jesus, todos apontam para a relação íntima entre a salvação e a nova criação.

QUARTO PRINCÍPIO: *Seguidores de Cristo são vivificados nova e continuamente para a sua missão por meio do Espírito Santo, que é a primeira porção já presente da promessa de restauração da criação.* (Romanos 8.19-25).

- a) *Os destinos da criação e do povo de Deus andam juntos.* O capítulo oito da Carta aos Romanos diz que aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus (v.14). Como filhos, somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo (v.17). Que herança é essa? Logo pensamos em salvação, um lugar no céu e por aí vai. Mas o texto bíblico responde de modo diferente. Fala de uma herança “gloriosa”, sim (v.18), mas imediatamente vincula a nossa glória eterna, em contraste com o sofrimento atual, com a sorte da criação toda (v.19-25)! A “liberdade” e a “glória” futuras dos cristãos estão vinculadas àquelas da criação. Por quê? Talvez porque o cuidado da criação é incumbência humana desde o início e, por isso, é inseparável também do destino dos cristãos.

b) *Enquanto a humanidade pecaminosa escolheu “sofrimento” para a criação, a nova humanidade no Espírito escolhe “libertação”.* Por enquanto, participamos da sorte da criação, porque simplesmente fazemos parte dela. Mas não é uma relação fatal, que não podemos mudar. Por um lado, podemos ser instrumentos de corrupção. E de fato, pela introdução do pecado, seres humanos se tornaram, de longe, a principal causa dos problemas ambientais: desperdício, superexploração dos recursos naturais, não buscar soluções já existentes, etc. Por outro lado, a raça humana ainda tem o papel de mordomo cuidadoso da criação. E a igreja, em particular, os “filhos de Deus” em Romanos 8, tem uma incumbência especialmente importante de desencadear para “libertar” a criação (“criação”, e não “criatura”, é a mesma palavra usada em 2 Coríntios 5.17 para descrever o novo estado daqueles que estão em Cristo).

[futuro]

O FIM NO DEUS SOBERANO

mundus novus

QUINTO PRINCÍPIO: *Deus estabelecerá um novo céu e nova terra, exemplificados pela justiça, paz e compaixão por meio do Redentor Jesus.* (Gênesis 9.9-11; Isaías 11.1-9; 35; 65-66 [*65.17-25]; Apocalipse 21.1-4)

- a) *Novo céu e nova terra pressupõem renovação ao invés de aniquilação.*
A Bíblia diz que no final veremos novos céus e nova terra. É comum entender que, por serem “novos”, serão outros céus e outra terra, e não terra e céus renovados. Como serão, então, outros ou os mesmos, mas renovados? Esta pergunta é essencial para o empenho no cuidado da criação, porque, se tudo vai virar fumaça, por que perder tempo com o a preocupação ecológica? Trata-se de uma dúvida comum.
- b) *A nossa esperança é também “mundana” e “terrestre”. A esperança da igreja não é uma esperança ultramundana e extra-histórica.*¹¹

Uma missiologia que leva a sério o papel criador de Deus, que age dentro da história humana, compreenderá o seu destino também dentro duma história e dentro de um mundo ainda em construção por Deus. Não fomos criados para fugir deste mundo e do nosso tempo, e sim, para redimi-los. Até uma leitura das mais superficiais das Escrituras repara esta proximidade, iniciativa e propósito de Deus nas atividades humanas. Uma visão mais abrangente da nossa missão inclui não só os diversos ministérios da igreja em relação ao seu próximo (com base na parábola do Bom Samaritano, o ministério de cura e libertação de Jesus, etc.), mas também integra este mundo todo criado por Deus e esta história toda guiada por Deus. A escatologia desta missão “mais completa” é uma escatologia engajada no projeto de Deus para o mundo que ele próprio criou e ainda redimirá.¹² A escatologia não é periférica à missão, pois é ela que determinará o caráter otimista ou pessimista da missão da igreja: ou engajamento pela força do Espírito na nossa história e no nosso mundo, ou a espera passiva e socialmente alheia por um celeste porvir.¹³

c) *Julgamento e libertação, ambos são essenciais ao governo de Deus, desde o início até o fim.* No Novo Testamento, a visão apocalíptica da criação pressupõe não apenas o seu *juulgamento* (2Pe 3.1-12), mas também e ultimamente a sua *renovação* (2Pe 3.13; Ap 21). Como o ser humano (suas obras, seu corpo) passará por julgamento e “fogo” (1Co 3.12-15), também a criação passará pelo fogo do julgamento. Porém, da mesma forma que ainda haverá alguma continuidade entre os nossos corpos atuais e os corpos ressuscitados (1Co 15.35-58), assim também será com toda a criação, da qual fazemos parte. Ou seja, como Deus havia prometido após o dilúvio, nunca mais Deus realizará tal destruição (Gn 9.15)! A intenção de Deus é criar novo céu e nova terra,

ou melhor, recriar este céu e esta terra, da mesma forma que cria os seguidores de Cristo em nova humanidade, ou melhor, que ele recria nossas próprias pessoas em pessoas renovadas. Entendeu a analogia?

- d) *Em Cristo somos “nova criação”* (literalmente a frase usada em 2Co 5.17, e não “novas criaturas”; veja também Gl 6.15). Isto é, pessoas recriadas e renovadas, porém com os mesmos corpos. Novo homem não é outro homem material. E o mesmo se aplica a toda a criação. Haverá um final feliz, do qual somos convidados a participar. Só que, precisamos fazer a nossa parte, uma parte muito importante, para a renovação da criação. É papel de Deus? Sem dúvida! Mas da mesma forma que Deus nos chama para evangelizar e é Ele quem salva, nos chama para renovar a criação, mas que o autor de novo céu e nova terra seja Ele.

CONCLUSÃO

UMA MISSÃO SOCIOAMBIENTAL. Nos relatos da criação, parte importante do “primeiro mandato” da humanidade de cuidar da criação é sua incumbência inicialmente socioambiental, mas que se revela cada vez mais como “redentora”.¹⁴ Isto é, cabe ao ser humano não só cuidar da criação, mas também se relacionar bem com o seu próximo. A sua relação mais íntima entre homem e mulher e a criação de famílias são o auge deste relacionamento e se destacam nos relatos da criação. A família e a sociedade são as consequências principais deste mandato e isto significa que a igreja tem, como vocação divina, a defesa e o bem-estar da família e da sociedade. Tanto que o relacionamento da igreja com Deus e com Cristo frequentemente recorre para a linguagem da relação comprometida entre homem e mulher. Entretanto, lendo além de Gênesis 1-2, vemos que a incumbência de se relacionar com o seu próximo de maneira alguma se esgota no casamento, mesmo que nele se exemplifique melhor. Este primeiro mandato abrange toda a organização dos grupos humanos nas suas múltiplas dimensões econômicas, políticas e culturais. Logo, o desenvolvimento da “cultura” como meio de expressar o relacionamento entre os seres humanos faz parte do primeiro mandato.

Convém ao crente participar em atividades “seculares”, como, por exemplo, grupos de interesse político, cívico, cultural ou educativo? Isto não desvia a sua atenção das atividades da igreja? Estas são perguntas que permanecem na cabeça de muitos membros das nossas igrejas. Por um lado, a resposta é simples e inequívoca: sim, o crente pode e deve participar, porque isto compete aos seres humanos (dos quais a igreja participa!). Isto é essencialmente a mensagem de 1 Pedro. Além disto, é vocação dos crentes que, com a mente renovada no Espírito, são desafiados a serem sal e luz dentro do mundo. É parte da nossa incumbência como povo de Deus; não é atividade separada. Ser enviado por Deus é ser enviado para dentro do nosso mundo e da nossa história.

UMA MISSÃO REDENTORA. Boa parte de Gênesis 1-11 fala do fracasso humano em relação à sua incumbência dada por Deus, da mesma forma que boa parte do Antigo Testamento focaliza o fracasso do povo de Deus em relação ao seu papel diante de Deus e diante do mundo. Aliás, em Gênesis 3-11, o fracasso humano aumenta cada vez mais. Esta observação dá muita sobriedade à reflexão a respeito duma missão que abranje o bem-estar do mundo ao seu redor. É preciso computar o fracasso humano e o fracasso do povo de Deus quando se constrói uma noção de missão dos dois. Desde o princípio, a missão se revela ultimamente “de Deus”. Por isso costuma-se distinguir entre *missio Dei* de *missiones ecclesiae*. Temos uma incumbência, sim. Entretanto, esta tarefa se desenvolve em meio de fracasso e frequentemente alheia ao plano de Deus para a sua criação. Se o resultado desta reflexão for apenas de parabenizar o nosso bom desempenho institucional, então teremos fracassado miseravelmente. As exortações dirigidas ao povo de Deus, explicitamente em boa parte do Antigo Testamento (os

Profetas Maiores e Menores) e também do Novo Testamento (as Epístolas, Apocalipse 2-3) e implicitamente no restante da Bíblia, exigem de nós sempre uma autocrítica.

Com o fracasso humano surge uma necessidade de reparo e restauração. O Deus que age na história e no mundo é o Deus que resgata e que restaura. Com a queda já surge uma promessa, mesmo em princípio enigmática, de restauração (Gênesis 3.15). Ao longo das Escrituras, esta promessa de endireitar uma humanidade e um mundo caídos e aviltados é ação divina, mas também envolve a participação humana (Gênesis 12.3). Assim, junto com a queda nasce, em primeiro lugar, a missão salvadora de Deus e depois, eventualmente, a missão evangelística da igreja. Esta situação de malignidade de um mundo declarado “bom”, “muito bom”, e abençoado por Deus (Gênesis 1.4, 10, 12, 18, 21, 25, 28, 31; 2.3) gera, portanto, a necessidade de retificação. Desde o princípio, e fundamental à fé bíblica, existe a preocupação pela ética, pela justiça, e pelo endireitamento deste mundo em todos os aspectos.

UMA MISSÃO COM FINALIDADE. A promessa de bênção para todas as famílias da terra (Gênesis 12.3) e luz para as nações (Isaías 42.6; 49.6) é prevista (Lucas 13.29) e estabelecida (Romanos 15.8) por Jesus. A visão celestial de Apocalipse alimenta o empenho missionário terrestre da igreja. E esta é uma visão de novo céu e nova terra onde toda a criação celebra a presença de Jesus, o que incentiva a nossa missão ecológica (5.13; 21.1-2; veja 2 Pedro 3.13). É uma visão inclusiva de todos os grupos humanos, que alimenta (5.9; 7.9) a missão social e evangelística da igreja. É uma visão de adoração e louvor por todos os povos e toda a criação, que motiva a missão litúrgica da igreja. E é uma visão de justiça e retidão finalmente transbordantes (15.4; 19.8-11), que enfrenta a constância e multiplicação da

opressão e do mal atual e encoraja a igreja a denunciar estas últimas e incansavelmente sustentar a manifestação das primeiras. A justiça restabelecida. A terra e os céus recriados. E a glória de Deus conhecida massivamente como a extensão e profundidade dos mares!

Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR,
como as águas cobrem o mar – Habacuque 2.14¹⁵

NOTAS

1. Sobre Wright, penso nos primeiros três volumes da sua obra-prima em inglês (*Christian Origins and the Question of God*), que é uma teologia do Novo Testamento, e, especialmente em português, *Surpreendido pela Esperança* (Viçosa: Ultimato, 2009). Em relação a Juan Stam, penso no seu livro *As boas novas da criação*, (Novos Diálogos Editora). Marina Silva influi pelo seu engajamento e teoricamente pela insistência de que os desafios sociais e ecológicos devem ser considerados juntos e, por isso, o uso da linguagem dos desafios *socioambientais*, altamente pertinente à teologia bíblica de missão integral.
2. Veja o livro citado acima, de Juan Stam.
3. Uma passagem que fala da “plenitude dos gentios” e de “todo Israel” (dentro do contexto, entendo como todo o Israel seguidor de Cristo) é Romanos 11. Porém até Romanos 9-11 (uma peça literária só) segue imediatamente (e assim elabora as consequências) Romanos 8, que por sua vez fala da libertação final da criação toda.
4. Por sua vez, o Brasil deve chegar a 233 milhões em 2050.
5. http://www.szpilman.com/noticias/futuro_do_planeta_terra.htm
6. homem sábio/conhecedor ou homem governador

7. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito...” (João 3.16)

Imagino tantas objeções a este raciocínio. Por exemplo, diz em 1 João 2.15: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele”. E, em ambos os casos, a palavra que “mundo” traduz é a mesma palavra grega, *kosmos*. Logo, não se pode explicar a disparidade entre as duas passagens achando que as palavras são diferentes. Somente pode concluir, e não há outra saída, que as duas passagens, João 3.16 e 1 João 2.15, estão usando “mundo” de maneiras completamente diferentes: a primeira positivamente e a segunda, negativamente. Se ambos os usos fossem positivos, teria que concluir que o amor do Pai (1Jo 2.15) não está em Deus (Jo 3.16). E, aprofundando a pesquisa do Evangelho de João um pouco mais, de fato, constatamos que João usa *kosmos* às vezes de modo neutro ou positivo (o mundo de pessoas e o mundo físico) e às vezes de modo negativo (os valores pecaminosos de um mundo sem Deus). Portanto, e voltando à pergunta desta reflexão, se Deus amou o mundo ao ponto de dar seu único Filho, qual é a medida do nosso amor pelo mundo?

Mas João não está referindo-se ao mundo de pessoas e não ao mundo físico? Está falando do mundo de pessoas, sim. O contexto imediato deixa isto claro. É só ler. Entretanto, tanto “mundo” (*kosmos*) quanto a outra palavra, talvez mais comum para o mundo físico, “criação” (*ktisis*), podem se referir ao mundo físico não humano e ao mundo humano. No caso de João, o nosso caso, “mundo” claramente se refere aos dois aspectos do mundo criado por Deus: humano e não humano. Basta ler João 1.9-10. Mas talvez a conexão entre os dois fique mais clara ainda considerando Romanos 8.18-25, onde a salvação da humanidade e do mundo não humano é interligada. Nesta passagem Paulo fala da glória futura de tudo que Deus havia criado; vem como final climática duma reflexão sobre a nossa pecaminosidade humana (Romanos 5-7) e a nossa transformação em Cristo Jesus por meio do seu Espírito (capítulo 8), o que redundará em salvação tanto para os judeus quanto para os não judeus (Romanos 9-11), logo, aqueles que creem em Jesus (Romanos 10.9-13). E, ao considerar a extensão

da transformação daqueles que são unidos a Cristo no capítulo 8, Paulo repara que tal transformação ultrapassa a dimensão daquelas pessoas (seus desejos, suas esperanças, seu comportamento) de tal modo que alcança toda a criação de Deus. Toda a criação um dia será “salva”, isto é, renovada e recuperada. Mas de acordo com Romanos 8, esta redenção da criação só acontece depois da salvação dos seguidores de Cristo. Por quê? Porque, embora a redenção sempre vem unicamente de Deus, o próprio Deus incumbe o seu povo a ser instrumento para anunciar tal redenção. Por isso, o povo de Deus, a igreja, tem importantíssimo papel na redenção da criação. Certamente, entre outras coisas, isto implica num compromisso ativo no que os ecologistas chamam de “conservação”. A palavra preferida das Escrituras parece ser “redenção” ou “renovação”. Basicamente o que Paulo descreve em Romanos 8 é o que o visionário João fala no Livro de Apocalipse, que descreve o novo céu e a nova terra.

8. Da *Bíblia Missionária de Estudo* (no prelo): “enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre...” (Veja 2.15, 19-20). Diferentemente da bênção dispensada sobre os outros seres criados (vv.22), Deus delega ao homem poder e domínio, passando a ser o responsável pela manutenção do mundo, constituindo-se isso a primeira Grande Comissão, às vezes chamada de Mandato Cultural, que se repetirá em outro momento importante, no recomeço da vida com Noé e sua família (Gn 9.1,7). Mas um grande poder exige grande responsabilidade, e o protagonista aqui logo será colocado à prova. A primeira missão benéfica de governar facilmente se torna tarefa egoísta e opressora quando decorre do pecado.
9. Da *Bíblia Missionária de Estudo* (no prelo): “para o cultivar e o guardar” (veja 1.26, 28; 2.19-20). A linguagem do segundo relato da criação ajuda a entender a linguagem do primeiro. A tarefa de “dominar” e “sujeitar” (cap.1) não dá licença para a exploração abusiva. No capítulo 2, esta é a tarefa de “cuidar” e “cultivar” (literalmente, “servir”, de *abad*, no hebraico), isto é, conservar

o seu bem (a bondade essencial da criação, 1.31) e procurar um desenvolvimento construtivo.

10. A visão paradisiaca da linguagem apocalíptica funcionava, não para dispensar o povo de Deus da sua responsabilidade e engajamento no aqui e no agora em favor dum lugar e tempo remotos. Ao contrário, servia de inspiração e paradigma para sua missão dentro da história e mundo presentes.
11. Ao contrário da interpretação superficial de 1 Coríntios 15.19, que desconsidera que a passagem *toda* depende da confiança na realização por Deus de algo que aconteceu dentro da nossa história e do nosso mundo concretos: a ressurreição de Jesus por via de *morte*. Em 1 Coríntios 15.19, Paulo denuncia a fé coríntia que tente excluir a morte nesta vida em favor duma “ressurreição” já realizada num plano espiritual e extraterrestre, uma noção mais gnóstica que bíblica.
12. Nesta reflexão somos forçados a optar entre, por um lado, uma escatologia reformada que avalia positivamente a ação de Deus na nossa história e no nosso mundo, e por conseqüente, a viabilidade essencial da incumbência missionária da igreja, e por outro lado, uma escatologia que avalia com pessimismo a viabilidade de tal incumbência e a efetividade da ação redentora de Deus em Jesus Cristo dentro da nossa história e dentro do nosso mundo. É impossível abraçar as duas posturas simultaneamente.
13. A escatologia não é tanto o discurso sobre as últimas coisas no sentido de eventos que ainda estão por vir e por isso estão grandemente fora da cognição humana. Antes disto, é o estudo das conseqüências últimas do plano eterno de Deus já inaugurado em Cristo Jesus e ainda por ser realizado por Deus próprio, que convida a igreja a participar desta realização.
14. O teólogo luterano alemão, Dietrich Bonhoeffer, distingue quatro “mandatos” na criação: do trabalho, do casamento, do governo e da igreja. Abraham Kuyper, teólogo reformado holandês, fala de dois: o

mandato cultural e o mandato redentor. Ambos estão antecipando, para além da leitura de Gênesis, o papel missionário da igreja. Preferimos falar da “missão” ou “mandato” do ser humano em Gênesis em relação à criação (“ecológica”) e dentro da criação, em relação ao ser próximo (“cultural”). Somente depois, à medida que se desenvolve, é possível falar de uma missão mais específica (“redentora”) em relação aos outros povos.

15. Veja também Números 14.21; Salmo 57.5,11; 72.19; Isaías 6.3; 11.9; Zacarias 14.8-9; Romanos 15.9; Filipenses 2.10-11

Sobre o autor

TIMÓTEO CARRIKER é teólogo, missionário da Igreja Presbiteriana Independente, capelão d'A Rocha Brasil e surfista nas horas vagas. Pela **Ultimato**, é autor de *Trabalho, Descanso e Dinheiro* e *A Visão Missionária na Bíblia*. É blogueiro da Ultimato.



Caixa Postal 43 | 36570-000 | Viçosa-MG
Tel.: 31 3611-8500 | Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br